



V CONGRESSO SUDESTE DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

Tema: Educação Física/Ciências do Esporte: políticas, dilemas e controvérsias.

25 a 27 de Setembro na Universidade Federal de Lavras (MG)

Flávia Martinelli Ferreira

Jocimar Daolio

AS BRINCADEIRAS INFANTIS E A CIDADE: ENSAIO SOBRE A CONSTITUIÇÃO DE UM “PEDAÇO” DAS CRIANÇAS

RESUMO

Este ensaio busca a compreensão de brincadeiras infantis realizadas na cidade com base em considerações acerca da antropologia urbana. Escolhemos as ruas para representar o espaço de troca entre crianças e a cidade. Nas ruas, ocorre o encontro de crianças de diferentes origens e experiências. Além disso, representa o local onde brincadeiras são formuladas e recriadas, compondo uma rica cultura urbana. O “pedaço” das crianças é o uso que se faz da rua e uma presença criativa de seus usuários. Como tentativa de ilustrar este contato, serão descritas duas imagens de brincadeiras infantis realizadas nestes “pedaços” de socialização. Ao longo deste ensaio, pretendemos evidenciar que o “pedaço” das crianças não está delimitado e precisa ser construído.

PALAVRAS-CHAVE: Antropologia Urbana; Brincadeiras Infantis; Criança

1 PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES

Este trabalho é fruto de considerações elaboradas a partir do estudo de autores provenientes da antropologia urbana, analisando suas contribuições para o estudo e a compreensão de brincadeiras infantis realizadas na cidade e elaboradas a partir das estruturas da cidade. O binômio na/da cidade nos acompanha no decorrer do texto e o



V CONGRESSO SUDESTE DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

Tema: Educação Física/Ciências do Esporte: políticas, dilemas e controvérsias.

25 a 27 de Setembro na Universidade Federal de Lavras (MG)

eixo de argumentação desenvolvido nesta discussão se refere mais a uma abordagem na direção de uma almejada antropologia da cidade, não bastando neste caso apenas a descrição de fenômenos que ocorram na esfera urbana.

Embora autores como Simmel (1967) não tenham tomado a infância e as crianças como objetos de investigação centrais em suas obras, nos forneceram diversos subsídios para trabalhar com o tema e com as dimensões fundamentais da infância. Segundo Grigorowitschs (2008), obras de sociólogos clássicos como Simmel, que tratam dos processos de socialização, são capazes de enriquecer o pensamento sobre a infância na atualidade.

Neste ímpeto, o espaço de troca entre as crianças escolhido para representar a cidade será a rua. Nas ruas ocorrem, com frequência, o encontro de crianças com diferentes origens e experiências. Nas ruas também são formuladas e recriadas brincadeiras pelas crianças, compondo a partir desta troca entre diferentes uma rica cultura urbana (MAGNANI, 2007). O autor defende que sem o contato originado pelas cidades, as crianças ficariam restritas ao convívio entre iguais e entre parentes. Em uma análise estrutural¹, os acampamentos, diferente das cidades, são definidos como um modo de vida com mobilidade, possivelmente disperso em um território, com práticas caracterizadas pelo nomadismo.

A cidade, no entanto, possui tanto características de mobilidade quanto de fixação. Neste sentido, será possível discutir ao longo do texto estas trocas e relações infantis que são condicionadas por um dos espaços públicos da cidade, a rua, incluindo suas regras de convivência e práticas culturais. Ao elaborarmos uma discussão teórica sobre a cidade, amparados em autores como Simmel (1967) e Frugoli (2005; 2006), investiremos nos desdobramentos possíveis que emergem das estruturas fundantes que organizam as cidades. Pretendemos, desta forma, acionar o legado da antropologia sobre

¹ Neste caso podemos destacar LEVI-STRAUSS (1971; 2003; 2012) como principal expoente responsável por uma mudança importante na Antropologia a partir da década de 1940 com a corrente do estruturalismo. Para saber mais: LEVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. 6 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003; LEVI-STRAUSS, Claude. **Pensamento selvagem**. 12 ed. São Paulo: Papirus, 2012; LEVI-STRAUSS, Claude. Os limites do conceito de estrutura em etnologia. In: BASTIDE, R. (Org.) **Usos e sentidos do termo “estrutura” nas Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Herder, Editora da Universidade de São Paulo, 1971.



V CONGRESSO SUDESTE DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

Tema: Educação Física/Ciências do Esporte: políticas, dilemas e controvérsias.

25 a 27 de Setembro na Universidade Federal de Lavras (MG)

as cidades e a cultura urbana para encontrarmos novas perspectivas e categorias de análise para o estudo das brincadeiras infantis.

Florestan Fernandes (2004), em uma das linhas teóricas da Escola de Chicago, que será discutida a seguir, nos fornecerá a primeira imagem a ser trabalhada no texto. A primeira imagem usada é uma das inúmeras brincadeiras descritas pelo autor e fruto de um levantamento sobre o folclore paulistano realizado em 1941 e publicado posteriormente. A segunda imagem que será utilizada é uma descrição de uma brincadeira realizada nos tempos atuais, com a qual poderemos mobilizar os conceitos apresentados anteriormente e discutir sobre a cidade como este espaço público de convivência das crianças.

Isto será possível na medida em que estas brincadeiras escolhidas, *Calçadinha é minha* (FERNANDES, 2004, p.57) e *Mãe da rua*, possuem marcas históricas e por isso são capazes de representar uma cidade datada. As brincadeiras serão descritas e detalhadas, para que seja possível articulá-las com o referencial teórico proposto, em um terceiro momento.

2 AS CIDADES

Para discutir a questão da urbanidade na antropologia, Frugoli (2005) abordou três momentos específicos em torno desta dimensão. No primeiro deles, discute sobre as décadas iniciais de 1920 e 1930 e a Escola de Chicago, época em que se definiu uma pauta de pesquisas etnográficas sobre a cidade. A Escola de Chicago, segundo o autor, foi a primeira a tomar a cidade como um laboratório privilegiado para analisarmos mudanças sociais. Em linhas gerais, a noção de cultura urbana formulada pela Escola de Chicago está relacionada principalmente a três autores²: Park (1925), Becker (1996) e Redfield (1949). Estes autores por sua vez se inspiraram em clássicos como Durkheim,

² Para saber mais sobre os autores consultar: REDFIELD, Robert. **Civilização e cultura de folk**. São Paulo: Martins, 1949; PARK, Robert E. *The city: Suggestions for the Investigation of Human Behavior in the Urban Environment*. In: PARK, Robert E; BURGESS, Ernest W. **The City**. Chicago: University of Chicago, 1925, pp. 1-46; BECKER, H. Conferência: A Escola de Chicago. **Mana – Estudos de Antropologia Social**, vol. 2, Rio de Janeiro, 1996.



V CONGRESSO SUDESTE DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

Tema: Educação Física/Ciências do Esporte: políticas, dilemas e controvérsias.

25 a 27 de Setembro na Universidade Federal de Lavras (MG)

Weber, Tönnies e Simmel, que por caminhos distintos buscavam compreender as especificidades das sociedades modernas.

Em um panorama de intensas mudanças nos planos urbanísticos, ao estudar os modos de vida nestas metrópoles industriais, Simmel (1967; 1983) assinalou a presença deste anonimato e de uma impessoalidade. Isto ocorreu devido ao contato entre os estanhos presentes nos espaços públicos das cidades ser marcado não só pela proximidade física como também pela distância social, constituindo uma ambiguidade que ocasiona a criação de estilos de vida marcados por uma personalidade *blasé*. Atitudes de reserva parente um mundo hostil e formas lúdicas e recíprocas de interação são marcadas pelo autor como características desta personalidade *blasé*.

A Escola de Chicago prosseguiu com uma prática pioneira de pesquisas etnográficas, demonstrando em alguns estudos haver certa organização/ordenação internas nos locais estudados. Com isso, reafirmaram a diversidade constitutiva dos contextos urbanos. Ao diferenciar diversidade e desorganização, a Escola de Chicago marca sua importância em tais investigações etnográficas, abrindo espaço a outros campos de pesquisa e reflexão.

Em seus estudos, Simmel (1967) buscou desvendar como a personalidade – nomeada como individual ou superindividual - se ajustava nas forças externas. As forças externas eram consideradas, para o autor, a cidade e suas peculiaridades. Segundo o autor a metrópole criava certas condições psicológicas. Isto era possível porque a mente do homem é estimulada pela diferença. Para o autor, “*A intelectualidade, assim, se destina a preservar a vida subjetiva contra o poder avassalador da vida metropolitana*” (Simmel, 1967, p.13).

Para Simmel (1967), a criança metropolitana, diferente de outros contextos, também demonstra esta característica se comparada a crianças de meios mais tranquilos (p.18). As metrópoles são caracterizadas como individualizantes e independentes. Sendo assim, a autonomia individual passou a ser considerada pelo autor como um valor cultural, possibilitando o surgimento do conceito de socialização (GRIGOROWITSCHS, 2008). O conceito é desenvolvido pelo autor como qualquer forma de interação entre seres humanos.



V CONGRESSO SUDESTE DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

Tema: Educação Física/Ciências do Esporte: políticas, dilemas e controvérsias.

25 a 27 de Setembro na Universidade Federal de Lavras (MG)

Portanto, socializar-se implica sempre em transformações, porque aborda processos que são móveis e dinâmicos, não fixos; são transformações tanto estruturais como processuais e individuais. Para conhecermos o papel ativo das crianças é preciso considerá-las atores sociais e produtores de cultura, repensando o próprio conceito de socialização descrito pelo autor (GRIGOROWITSCHS, 2008).

Devemos considerar que há uma especificidade nos processos de socialização na infância, porque as crianças participam de uma série de interações que acontecem somente neste período que variam cultural e historicamente (GRIGOROWITSCHS, 2008). Os espaços públicos ou privados, destinados às interações na infância, também variam ao longo da história e das culturas nas quais estão envolvidas as crianças. Os espaços públicos, como as ruas, possuem destaque como lugares privilegiados para interação entre os pares, espaço este em que jogar e brincar revelam-se como ações de fundamental importância.

Partindo de outra análise sobre as cidades, analisando as relações estabelecidas na metrópole a partir de seus centros, temos a revitalização urbana como elemento detentor de grande responsabilidade pelo surgimento de subcentros e contextos multipolares (FRUGOLI, 2006). O autor aponta o caráter excludente destas configurações na cidade e explica que o processo de descentralização das sociedades capitalistas, desde o século XIX, vem sendo substituído por uma dinâmica que é ao mesmo tempo descentralizadora e recentralizadora.

Para compreendermos o contexto da cidade de São Paulo temos como referência a cidade de Los Angeles, que nos tornará capazes de refletir sobre as mudanças urbanas contemporâneas. Segundo Frugoli (2006), a cidade de Los Angeles é mais fragmentada e dispersa se comparada com a cidade de São Paulo. Este fato provém de uma urbanização em São Paulo com um padrão descentralizado. Durante um longo período, os estudos feitos em São Paulo aconteciam nas periferias e não tinham como foco de análise áreas mais centrais da cidade. O autor analisa e reconstitui como essa centralidade vem sendo redefinida, articulada e negociada pelos grupos sociais dominantes no período mais recente da vida urbana em São Paulo.

Quando nos referimos às crianças, que não têm exercido um papel como grupo dominante em nossa sociedade, temos as configurações das cidades, desde o início e



V CONGRESSO SUDESTE DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

Tema: Educação Física/Ciências do Esporte: políticas, dilemas e controvérsias.

25 a 27 de Setembro na Universidade Federal de Lavras (MG)

compreendendo as modificações mais atuais, incidindo sobre suas práticas de interação e suas práticas culturais. Outros grupos sociais compostos por adultos, à margem dos espaços sugeridos pela cidade, no entanto, conseguem criar e ocupar novos espaços da cidade e transformá-la em um lugar habitável. Como exemplo temos grupos de skatistas em praças públicas que, embora constantemente expulsos destes locais, ocupam estes espaços para a realização de suas práticas corporais (MACHADO, 2014)

As mudanças urbanas contemporâneas produzem novas formas de interação e novos produtos culturais compreendidos e criados também pelas crianças. É possível observarmos estas mudanças urbanas tanto na elaboração das brincadeiras infantis quanto nos espaços públicos que são destinados a estas práticas. As diferenças incorporadas nas brincadeiras infantis realizadas em uma ou outra época são capazes de elucidar este argumento.

A seguir descreveremos, a partir das imagens de duas brincadeiras infantis, as estruturas da cidade incidindo sobre as práticas culturais das crianças, que atualmente são realizadas tanto na rua quanto em outros espaços públicos ou privados. A categoria “pedaço”, que evoca laços de pertencimento e estabelece algumas fronteiras (MAGNANI, 2012) nos auxiliará na compreensão deste espaço público, a rua, e nos permitirá elaborar outras reflexões sobre a conquista de um “pedaço” para as crianças.

3 AS BRINCADEIRAS INFANTIS: “CALÇADINHA É MINHA” E “MÃE DA RUA”

Os primeiros subsídios para compreensão da infância e dos elementos que constituem as culturas infantis são elaborados na década de 1940 e publicados somente no ano de 1961. As “trocinhas” dos bairros paulistanos como Bom Retiro, Lapa, Bela Vista, Brás e Pinheiros, segundo Fernandes (2004), são grupos infantis que possuem linguagens, ritos e estruturas próprias; são grupos infantis que se apresentaram organizados e regulamentados, assegurando sua existência por muitos anos mesmo com a ausência de alguns membros.



V CONGRESSO SUDESTE DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

Tema: Educação Física/Ciências do Esporte: políticas, dilemas e controvérsias.

25 a 27 de Setembro na Universidade Federal de Lavras (MG)

Ao estudar estes grupos infantis formados nas ruas, o autor afirma que estas “trocinhas” estão condicionadas ao desejo de brincar, embora sua organização ultrapasse os limites de tão só uma recreação. Há uma cultura infantil constituída de elementos folclóricos que foram passados aos grupos infantis e são quase exclusivos destes grupos. No entanto, em grande parte, estes elementos originam-se no mundo adulto e são incorporados pelas crianças.

Evidenciamos a partir deste processo de formação da cultura infantil descrito que esta é tanto constituída por elementos aceitos da cultura do adulto quanto por elementos ordenados pelas próprias crianças (FERNANDES, 2004, p.219). Assim sendo, defendemos que não se trata somente da aquisição de alguns elementos culturais, mas sim da aquisição das idéias do mundo adulto e das representações da própria sociedade.

A primeira imagem que nos permitirá refletir sobre os espaços públicos destinados às brincadeiras infantis e sobre as estruturas fundantes das cidades que influenciam tanto a construção da brincadeira como as maneiras de brincar foi descrita pelo autor da seguinte forma:

Imagem 1

“b) Calçadinha é minha (Bela Vista, Pari e Lapa)

Uma criança “faz de rainha”, não deixando as outras subirem na calçada. Quando consegue prender uma delas, na calçada, esta ficará encostada na parede. As outras procuram tirar as companheiras “aprisionadas”, sem que a rainha o perceba, e cantam, subindo na calçada:

Calçadinha é minha

Não é da rainha!

Calçadinha é minha

Não é da rainha!”

(FERNANDES, 2004, p. 57)



V CONGRESSO SUDESTE DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

Tema: Educação Física/Ciências do Esporte: políticas, dilemas e controvérsias.

25 a 27 de Setembro na Universidade Federal de Lavras (MG)

A brincadeira citada anteriormente será usada como uma primeira imagem para ilustrar o debate sobre as estruturas fundantes das cidades e seus cerceamentos de possibilidades do brincar infantil. Levando em conta a descrição da brincadeira, é possível perceber que esta era realizada em uma cidade que permitia às crianças tornar a rua e suas calçadas como “pedaços” (MAGNANI, 2012) de sentidos e significados.

As crianças, portanto, se dividiam neste espaço, ocupando calçadas e paredes próximas às ruas. Quando um espaço (ou somente uma parte dele) torna-se referência para delimitar um grupo de frequentadores que possuem uma rede de relações próprias, ele recebe o nome de “pedaço” (MAGNANI, 2012). O pedaço, assim como descrito pelo autor, é o espaço mediador entre o privado e o público, é o lugar dos “chegados”. Se antes o espaço privado da casa era ocupado somente pelos parentes é possível hoje encontrarmos os “chegados” que possuem certa proximidade ainda que não sejam parte da família e não possuam laços de sangue.

Retomando a idéia da rua ocupada como um espaço para socialização das crianças, temos este lugar nos bairros paulistanos da década de 1940, como descrito por Fernandes (2004), sendo um lugar privilegiado de interação entre as crianças e de produção de cultura.

No entanto, a partir da segunda imagem que será usada para ilustrar a discussão, desta vez nos tempos atuais, temos a descrição de uma brincadeira elaborada de duas formas: com a possibilidade de ser feita ainda na rua ou com a reprodução deste espaço em outro. Isto acontece porque as cidades consideradas hoje metrópoles, como São Paulo, admitem inúmeras estruturas e formas de serem ocupadas³:

Imagem 2

2.1 Na rua

As crianças se dividem em dois grupos. Cada grupo fica de um lado (se for em uma rua tranquila, fica um em cada calçada). A criança

³ As duas formas de brincar que foram descritas são fruto de uma experiência docente na qual realizei esta brincadeira diversas vezes em escolas. Quando a brincadeira era realizada, os alunos descreviam a forma como era feita – ou não – nas ruas ocupadas por eles.



V CONGRESSO SUDESTE DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

Tema: Educação Física/Ciências do Esporte: políticas, dilemas e controvérsias.

25 a 27 de Setembro na Universidade Federal de Lavras (MG)

escolhida como a mãe da rua permanece no espaço que há entre eles. As crianças têm de atravessar de uma calçada a outra para fugir da mãe da rua. Quem é pego ajuda a capturar os demais. O primeiro a ser capturado será a próxima mãe da rua. A brincadeira termina quando a turma toda for pega.

2.2 Em outro espaço

Uma das crianças será escolhida para ser a mãe da rua. Com um giz ou outro material, desenhavam duas riscas paralelas com uma distância de cerca de dois metros entre elas. O lado de dentro das riscas será a rua e o lado de fora, as calçadas.

O objetivo é atravessar para o outro lado sem ser apanhado pela mãe da rua. Quem é pego ajuda a capturar os demais. O primeiro a ser capturado será a próxima mãe da rua. A brincadeira termina quando a turma toda for pega.

As mudanças urbanas que aconteceram ao longo de algumas décadas foram capazes de produzir novas formas de interações criadas pelas crianças e pelos adultos, permitindo que uma brincadeira seja realizada de duas formas. Atualmente, as crianças que vivem em regiões metropolitanas com a cidade de São Paulo, com ruas largas e tomadas por carros e construções, foram obrigadas a encontrar novos espaços de socialização para realização de brincadeiras, com os parques, condomínios ou as escolas. Quando perdem seu espaço na cidade, as crianças elaboram novas formas de realizar as brincadeiras determinadas pelo novo espaço e acabam por construir um novo “pedaço” com novas ruas e calçadas, ainda que estas sejam construídas com traços de giz.

No primeiro formato descrito a partir da segunda imagem, temos a substituição da rainha mencionada na década de 1940 pela mãe, que é a atual dona da rua. No segundo formato, há uma substituição do próprio espaço de realização da brincadeira e uma construção nova da maneira de brincar a partir da mudança deste espaço. No



V CONGRESSO SUDESTE DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

Tema: Educação Física/Ciências do Esporte: políticas, dilemas e controvérsias.

25 a 27 de Setembro na Universidade Federal de Lavras (MG)

entanto, ainda que a rua esteja forjada em um desenho, não perde o papel evidenciado na construção da brincadeira. A rua, antes ocupada como espaço privilegiado de socialização das crianças, é hoje traçada em outros espaços possíveis para que esta socialização aconteça.

É importante destacar que as considerações elaboradas a partir destas descrições não surgiram a partir de um estudo aprofundado das brincadeiras infantis que são realizadas atualmente nos bairros paulistanos, mas apontam para uma possibilidade a partir do estudo destas cidades metropolitanas, considerando as crianças também como seus atores sociais.

4 POR UM “PEDAÇO” DAS CRIANÇAS

Ao longo do trabalho, a rua foi escolhida como espaço legítimo para representar a cidade e ilustrar o debate com as brincadeiras infantis que nela são realizadas. A trajetória adotada contou inicialmente com a discussão de autores da antropologia urbana para nos posicionar no debate sobre as estruturas fundantes das cidades e suas peculiaridades. A seguir, consideramos as crianças como atores sociais envolvidos nos processos de construção e ocupação das cidades, considerando suas brincadeiras descritas na década de 1940 e atualmente como imagens para ilustrar este debate.

A cidade, com suas características distintas de mobilidade e de fixação, é capaz de promover o encontro de crianças com diferentes experiências e formular, a partir disto, novas possibilidades de criar e recriar brincadeiras, elaborando uma rica cultura urbana. Como já destacado ao longo do texto, sem este contato originado pelas cidades, as crianças estariam restritas a um convívio entre parentes e iguais. As brincadeiras infantis descritas demonstram a existência de brincadeiras realizadas na cidade e que são modificadas a partir das mudanças nas estruturas da cidade.

Sendo assim, o binômio na/da cidade que nos acompanhou ao longo deste trabalho foi discutido a partir de autores da antropologia urbana que discutem a constituição das cidades e o uso delas feito por seus usuários. Consideramos que somente a descrição de brincadeiras realizadas na cidade estariam sujeitas a um relato



V CONGRESSO SUDESTE DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

Tema: Educação Física/Ciências do Esporte: políticas, dilemas e controvérsias.

25 a 27 de Setembro na Universidade Federal de Lavras (MG)

de fenômenos que ocorrem nestes espaços. No entanto, as brincadeiras infantis aqui descritas buscaram, em outro sentido, ilustrar o eixo de argumentação desenvolvido durante o trabalho, em busca de uma abordagem que se refere a uma antropologia da cidade.

As brincadeiras infantis descritas nos “pedaços” de socialização das crianças foram tentativas de ilustrar seu contato com as cidades, que são espaços excepcionais para este exercício de sua sociabilidade. No caso das crianças, Magnani (2007) defende que podemos iniciar desde cedo, no exercício da cidadania, este contato com outro ambiente e outras pessoas. Desde cedo, as crianças devem encontrar-se com novas regras, internalizadas neste ambiente lúdico, para que sejam capazes de aprender, compartilhar e negociar (MAGNANI, 2007).

Sendo assim, pretendemos ao longo deste trabalho evidenciar que o “pedaço” das crianças não está dado e precisa ser construído. Em vez de direcionar as crianças a um espaço fechado e isolado, precisamos tornar a rua um espaço de convivência mais seguro e acolhedor. Este pedaço das crianças, não previsto no planejamento urbano, é na verdade um uso que se faz da rua e uma presença criativa de seus usuários, que precisa ser conquistado por todos (MAGNANI, 2007).

THE CHILDREN'S PLAYS AND THE CITY: ESSAY ON THE ESTABLISHMENT OF A “PEDAÇO” FOR THE CHILDREN

ABSTRACT: This essay seeks the comprehension of children's play performed in the city based on considerations from urban anthropology. We chose the streets to represent the exchange space between children and city. In the streets, occurs the meeting of children belonging from different backgrounds and experiences. In add, it represents the place where plays are formulated and recreated, composing a rich urban culture. The "pedaço" of children is the use of the street by the creative presence of its users. As attempt to illustrate this contact, two images of children's plays performed in these "pedaços" of socialization will be described. Throughout this essay, we intend to prove that the "pedaço" of children are not really defined and actually needs to be built.



V CONGRESSO SUDESTE DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

Tema: Educação Física/Ciências do Esporte: políticas, dilemas e controvérsias.

25 a 27 de Setembro na Universidade Federal de Lavras (MG)

KEYWORDS: *Urban Anthropology; Children's Play; Children*

JUEGOS DE LOS NIÑOS Y LA CIUDAD: ENSAYO SOBRE EL ESTABLECIMIENTO DE UN "PEDAÇO" DE LOS NIÑOS

RESUMEN: Este ensayo es el resultado de consideraciones desarrolladas a partir de la antropología urbana para la comprensión del juego de los niños que se realiza en la ciudad. El espacio entre los niños y la ciudad elegida para representar esta será la calle. Se producen en las calles el encuentro de los niños con diferentes orígenes y experiencias y también formulan y reconstruyen juegos, componiendo una rica cultura urbana. Fueron descritos como intentos para ilustrar el encuentro dos imágenes de juegos de los niños realizados en el "pedaço" de la socialización de los niños. A lo largo de este ensayo intentamos demostrar que no es dado el "pedaço" de los niños. El "pedaço" es en realidad un uso que se hace de la calle y una presencia creativa de sus usuarios.

PALABRAS CLAVE: *Antropología Urbana; Juego de los niños; Niños*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERNANDES, Florestan (2004). **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes,



V CONGRESSO SUDESTE DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

Tema: Educação Física/Ciências do Esporte: políticas, dilemas e controvérsias.

25 a 27 de Setembro na Universidade Federal de Lavras (MG)

FRUGOLI JR, Heitor. (2006). **Centralidade em São Paulo**: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole. São Paulo: Cortez, Edusp.

_____. (2005). O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, 2005, v. 48, n.1.

GRIGOROWITSCHS, Tamara. (2008). O conceito “socialização” caiu em desuso? Uma análise dos processos de socialização na infância com base em Georg Simmel e George H. Mead. **Revista Educação e Sociedade**, vol. 29, n.102, p. 33-54, jan-abr.

MACHADO, Giancarlo M. C. (2014) Praça Roosevelt: sociabilidade e conflitos em um pedaço skatista da cidade de São Paulo. **Revista Periféria**, n. 19, p. 82-107, junho.

MAGNANI, José G. C. (2012) **Da periferia ao centro**: trajetórias de pesquisa em antropologia urbana. São Paulo: Editora Terceiro Nome.

_____. (2007). O pedaço das crianças. In: **Revista SESC SP**.

_____. (1996) Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: **Na metrópole**. TORRES, Lilian (org.). São Paulo: Editora USP.

SIMMEL, Georg. (1967). A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio G. (org.) **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

_____. 1983[1917]. Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAES, E. (org.), **Sociologia**: Simmel, São Paulo, Ática, p. 165-181.